
Ocupação durante a primeira metade/meados do III milénio a.C. na margem direita da Ribeira do Enxoé: Casa Branca 2 (Serpa)

VICTOR FILIPE*
SANDRA BRAZUNA**

R E S U M O Apresentam-se os dados da intervenção arqueológica realizada no sítio Casa Branca 2 (Serpa). Os trabalhos permitiram confirmar a existência de um pequeno povoado calcolítico na confluência da ribeira do Enxoé com o barranco de Grafanes, ocupado durante a primeira metade/meados do III milénio a.C., tendo sido identificadas estruturas habitacionais daquele período.

A B S T R A C T The aim of this article is to present the results from the archaeological intervention conducted in the site Casa Branca 2 (Serpa). Excavation has confirmed the existence of a small Copper Age settlement at the confluence of the Enxoé stream with Grafanes gully, occupied during the first half/middle of the third millennium BC, where some residential structures from that period have been identified.

1. Introdução

O sítio de Casa Branca 2 foi identificado pela primeira vez durante os trabalhos de prospecção para a Carta Arqueológica de Serpa, desenvolvidos durante a última década do século XX, tendo sido recolhidos vários fragmentos de “cerâmica manual incaracterística dispersa por uma área aproximada de 400 m².” (Lopes, Carvalho & Gomes, 1998, p. 37). O sítio foi inventariado com o número 53 no referido trabalho, e cronologicamente classificado como pré-histórico, correspondendo ao CNS 13 300 (Endovélico, IGESPAR).

O local voltaria a ser prospectado, uma vez que para aí foi projectada a passagem de uma via de acesso, no âmbito do RECAPE das Estações Elevatórias de Pedrógão, Brinches e Torre do Lóbio, da Central Hidroeléctrica de Serpa e da Conduta Elevatória de Pedrógão (Nemus, 2008), tendo então sido localizados três núcleos de vestígios arqueológicos de cronologia distinta (Núcleos A,

pré-histórico; B, medieval; e C, medieval e romano) dos quais viriam a ser por nós intervencionados os Núcleos B e C.

Os trabalhos enquadraram-se, portanto, numa perspectiva de minimização de impactos sobre o património cultural, especificamente decorrentes da execução da Estação Elevatória de Torre do Lóbio. As sondagens arqueológicas de diagnóstico foram realizadas pela ERA-Arqueologia, tendo a direcção científica dos trabalhos sido assegurada pelos técnicos Sandra Brazuna e Victor Filipe (2009).

2. Enquadramento geográfico

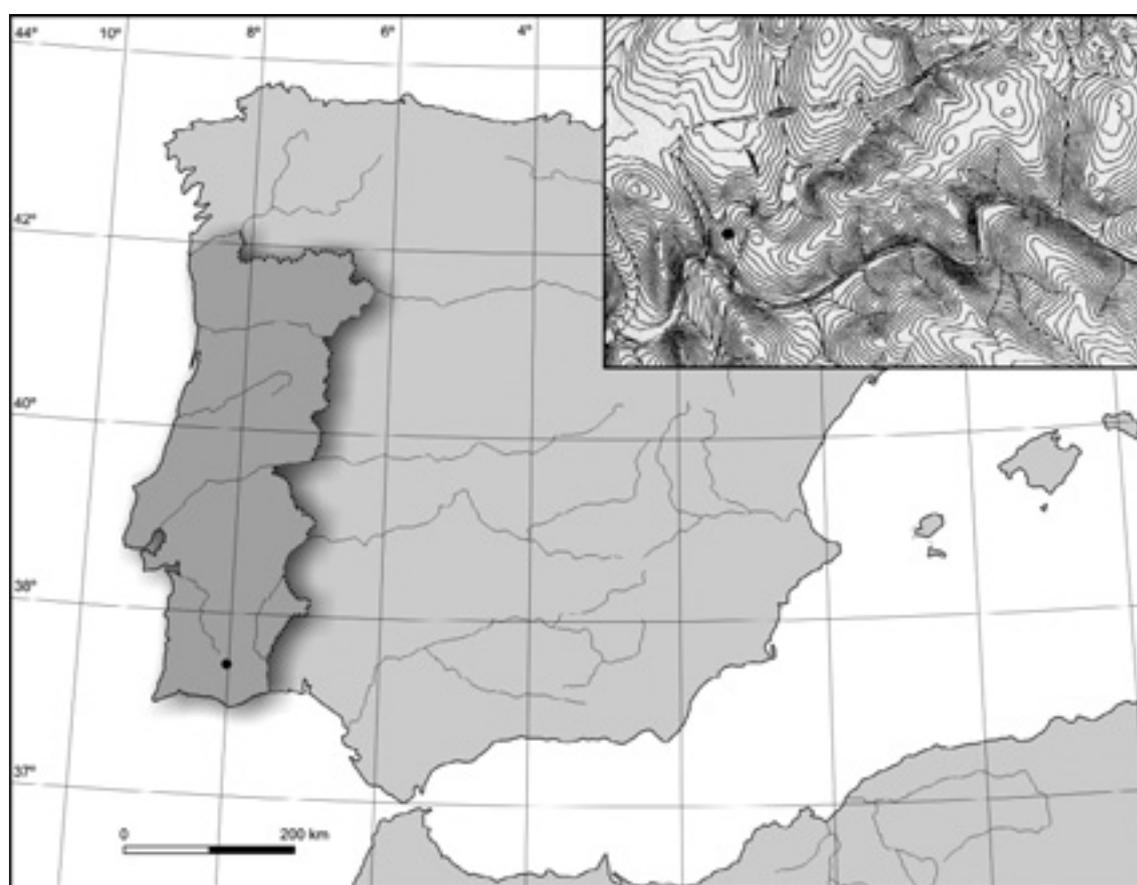


Fig. 1 Localização da Casa Branca 2 (modificado a partir de Gonçalves, 1989, e Rodrigues, 2006).

O sítio Casa Branca 2 localiza-se numa pequena plataforma localizada a meia-encosta da vertente oeste de uma discreta elevação, não se destacando particularmente na paisagem. A partir da referida plataforma, sobranceira à confluência da ribeira do Enxoé com o barranco de Grafanes e a uma cota média de 109 m, o domínio da paisagem não é particularmente expressivo, possuindo, contudo, posição privilegiada sobre os referidos cursos de água que flanqueiam a elevação e sobre o vale do Enxoé, a jusante.



Fig. 2 Implantação do sítio na CMP, 1:25 000, folha 522.

A sua implantação não indicia qualquer tipo de preocupação no que se refere à procura de condições naturais de defesa, ou mesmo ao controle de vias fluviais, uma vez que a ribeira do Enxóe é uma linha de água secundária e o barranco de Grafales um tributário daquela. Este tipo de localização deveria, muito provavelmente, estar mais direccionada para o aproveitamento dos recursos naturais e sua exploração, inserindo-se num tipo de povoamento que Gonçalves (1989, p. 372) apelidou de ribeirinho (povoado aberto).

Do ponto de vista geológico, este sítio encontra-se implantado numa área onde se verifica a presença de gnaisses biotíticos, micaxistos e quartzitos negros do Precâmbrico, mármore com forsterite do Câmbrio e o complexo gabro-diorítico de Beja do Carbónico (gabros, dioritos, quartzo-dioritos e granófiros).

Importa, igualmente, referir que se trata de um local onde foi muito recentemente arrancado um olival antigo e plantado um novo, com todas as perturbações que isso implica em eventuais níveis arqueológicos preservados no subsolo, particularmente em terrenos com escassa potência estratigráfica, como é o caso.

Administrativamente, situa-se na freguesia de Santa Maria, concelho de Serpa, distrito de Beja.



Fig. 3 Perspectiva sobre a implantação do povoado a partir de NO.



Fig. 4 Perspectiva a partir da Casa Branca 2 para SO, observando-se, ao fundo, o vale da ribeira do Enxoé e a pedreira onde se implantava o sítio Casa Branca 7.

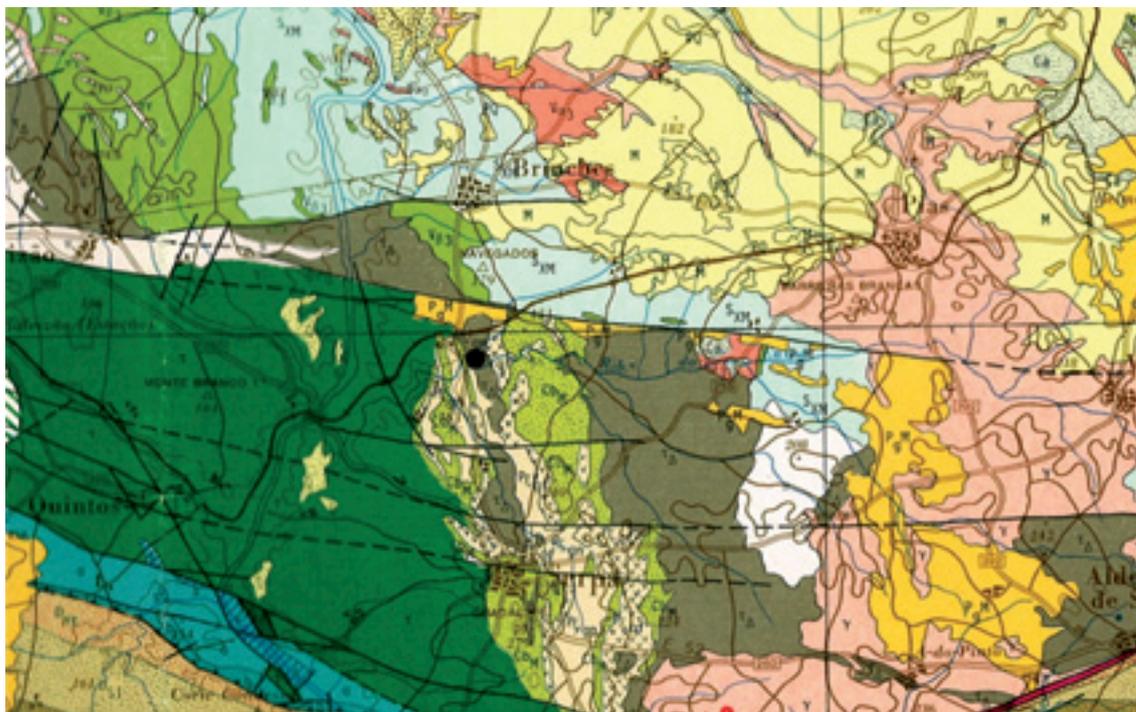


Fig. 5 Localização do sítio na Carta Geológica, folha 8, 1:200 000.

3. Intervenção arqueológica

A intervenção arqueológica da Casa Branca 2 foi, conforme já se referiu, realizada nos dois núcleos (B e C) que iriam ser afectados pela construção de uma via de acesso, no âmbito das obras decorrentes da execução da Estação Elevatória de Torre do Lóbio.

O plano de minimização de impactes previu, inicialmente, a realização de sondagens de diagnóstico manuais num total de 50 m² no núcleo B e de 20 m² no núcleo C. A documentação de contextos arqueológicos preservados atribuíveis ao Calcolítico na sondagem 1 e na sondagem 4 do núcleo B viria a resultar num alargamento de 24 m² na primeira e 1 m² na segunda, já numa outra fase de trabalhos.

Nesta segunda fase procurava-se essencialmente assegurar dois aspectos: por um lado, preservar através do registo as realidades arqueológicas que se encontrassem na área a afectar pela obra anteriormente referida; por outro, a recolha de dados que permitissem confirmar ou infirmar os indícios registados durante a primeira fase da intervenção, particularmente na sondagem 1, isto é, se de facto se tratava de contextos habitacionais de cronologia pré-histórica, de que forma eles se desenvolviam e articulavam no terreno e em que estado de conservação se encontravam.

Tendo em conta as características do sítio e da afectação programada, optou-se por implantar as sondagens nas zonas onde se observava maior concentração de material à superfície, privilegiando-se as áreas situadas entre as fiadas de oliveiras, presumivelmente menos afectadas pelos trabalhos de plantio. No caso do Núcleo B, optou-se por implantar um maior número de sondagens nas zonas mais elevadas do terreno e, portanto, mais próximas da pequena plataforma existente na área imediatamente a este, onde nos pareceu mais provável a localização de um assentamento humano. Quanto ao Núcleo C, privilegiou-se a zona mais a SO da área a afectar, uma vez que se aproximava mais da localização do referido núcleo.

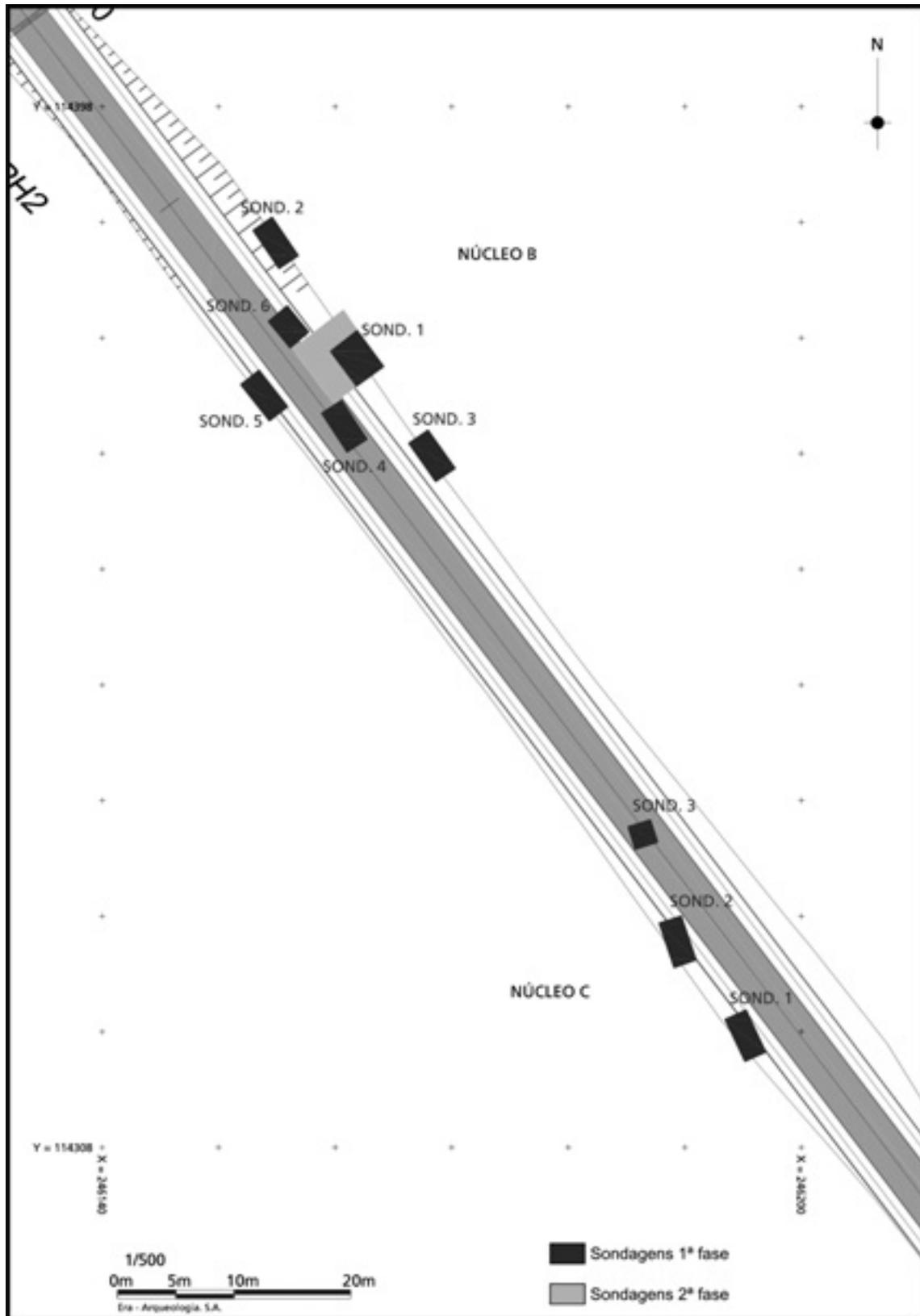


Fig. 6 Implantação das sondagens arqueológicas efectuadas nos Núcleos B e C na planta de obra.

Paralelamente aos trabalhos de escavação, realizou-se também uma prospecção na área envolvente. Para além de se ter confirmado a dispersão de materiais à superfície por uma área relativamente ampla, como havia já sido evidenciado nos trabalhos da Carta Arqueológica (Lopes, Carvalho & Gomes, 1998) e no RECAPE (NEMUS, 2008), foram identificadas outras realidades arqueológicas relevantes: a existência de quatro fossas escavadas no afloramento geológico, visíveis no limite superior do talude oeste da antiga via-férrea, e cortadas aquando da construção daquele, localizadas a cerca de 40 m a leste do Núcleo B da Casa Branca 2. Estas estruturas negativas haviam, contudo, sido já identificadas por Monge Soares em 2006, embora nunca as tivesse referido em qualquer publicação (comunicação pessoal). O mesmo investigador identificou ainda uma outra estrutura negativa no talude Este que não lográmos identificar em 2009, da qual se apresenta uma fotografia¹. Nos depósitos de enchimento das fossas do talude oeste foi possível observar a existência de alguns blocos de pedra, elementos de mó e cerâmica manual, incluindo um fragmento de um prato de bordo espessado. A associação cronológica e espacial desta realidade com os vestígios documentados na sondagem 1 do núcleo B viria a ser confirmada em posterior intervenção arqueológica. A escavação daquelas estruturas, da responsabilidade científica de António Ginja², viria a revelar um conjunto de fossas enquadráveis no Calcolítico.



Fig. 7 Em cima, fossas identificadas no talude da antiga via-férrea, e fragmento de prato de bordo espessado proveniente da fossa mais a sul. Em baixo, fotografias cedidas pelo Doutor Monge Soares, respectivamente do talude oeste e do talude este.

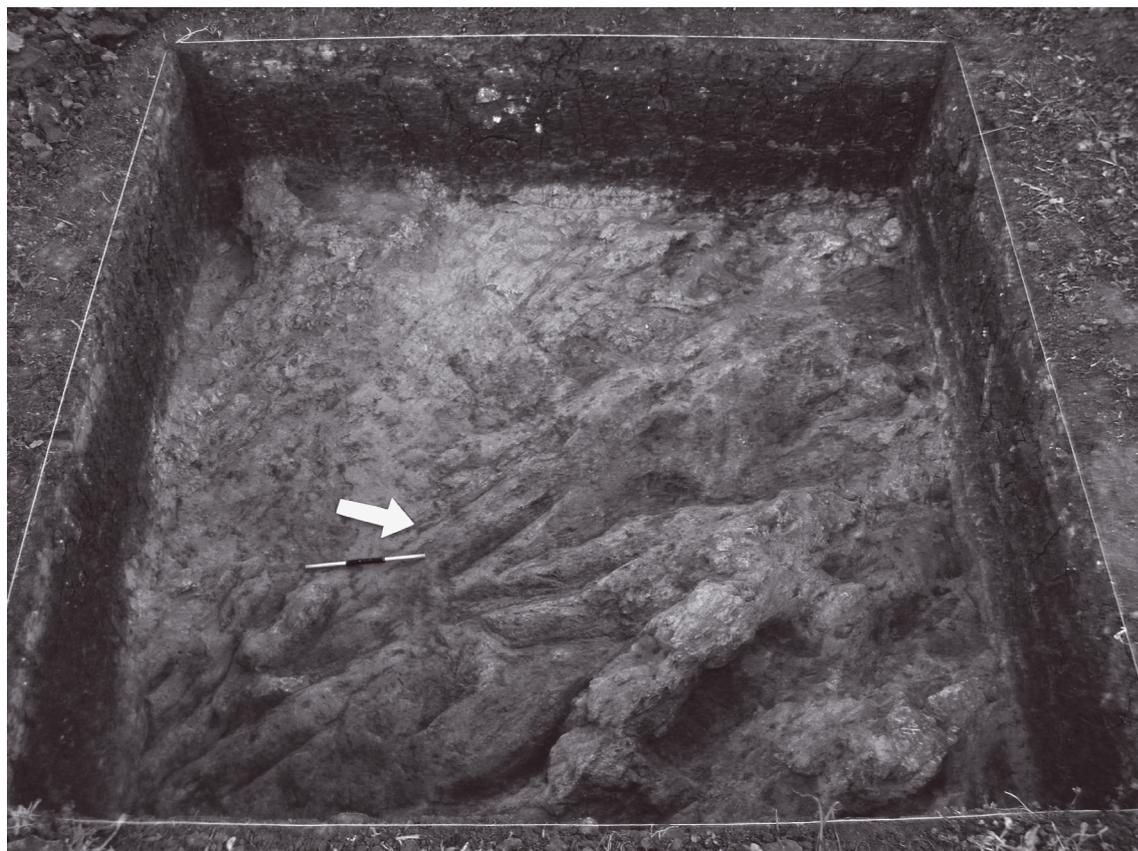


Fig. 8 Plano final da sondagem 3 do Núcleo C.

3.1 Núcleo C

No Núcleo C foi escavada uma área total de 20 m², distribuída por duas sondagens de 4 m de comprimento por 2 m de largura (sondagens 1 e 2) e uma de 2 m x 2 m (sondagem 3), que respeitam a orientação da via de acesso (SE-NO). As sondagens foram implantadas no limite SO da conduta, na zona mais próxima da área de incidência de materiais (denominada Núcleo C), uma vez que o traçado da conduta apenas afecta o limite Este do núcleo.

Genericamente, registou-se uma estratigrafia idêntica e de fraca potência nas três sondagens efectuadas, observando-se a existência de um primeiro depósito de matriz areno-argilosa correspondente ao nível afectado pelos trabalhos da lavoura e, sob este, um outro de matriz argilosa que assentava directamente sobre o substrato geológico.

Embora não se tenham registado quaisquer níveis de ocupação humana preservados, foram identificados alguns materiais descontextualizados no depósito de superfície, compostos por alguns fragmentos de telha e bojos de cerâmica comum sem decoração, muito rolados e de pequena dimensão, possivelmente de cronologia medieval ou moderna, bem como algumas lascas de sílex, quartzo e quartzito, genericamente enquadráveis na Pré-História.



Fig. 9 Plano final da sondagem 6 do Núcleo B.

3.2 Núcleo B

No Núcleo B foi escavada uma área total de 50 m², distribuídos por 6 sondagens arqueológicas, a que se viria a acrescentar, numa segunda fase dos trabalhos, o alargamento a NO e SO da sondagem 1 (24 m²) e a SO da sondagem 4 (1 m²). Assim, respeitando a orientação da via de acesso projectada (SE-NO), implantaram-se quatro sondagens de 4 x 2 m (2, 3, 4 e 5), uma de 3 x 2 m (sond. 6) e uma outra de 4 x 3 m (sond. 1). No decorrer dos trabalhos de escavação apenas na sondagem 1 e na sondagem 4 se identificaram evidências de ocupação humana preservada, sendo que nas restantes (sondagens 2, 3, 5 e 6) foram identificados alguns materiais cerâmicos e líticos no depósito de superfície.

Nestas últimas, observou-se uma dinâmica estratigráfica idêntica à que se havia registado nas sondagens do Núcleo C, geralmente com fraca potência, e composta por um depósito de superfície de matriz areno-argilosa com presença esporádica de fragmentos de cerâmica manual e a torno, bastante rolada, bem como algumas lascas de quartzo e quartzito; e um segundo depósito de matriz argilosa, arqueologicamente estéril, que assentava directamente sobre o substrato geológico. No caso da sondagem 2, que não ultrapassava os 20 cm de potência estratigráfica na zona mais profunda, verificou-se a existência de apenas um depósito de matriz areno-argilosa.

3.2.1 Sondagem 4

O registo estratigráfico documentado nesta sondagem é em tudo semelhante ao que se observou nas sondagens, tendo-se identificado um primeiro depósito de superfície de matriz areno-argilosa com presença de alguns fragmentos de bojo de cerâmica manual, sem decoração, muito rolados e de pequena dimensão, bem como algumas lascas de quartzo, de cronologia genericamente atribuível à Pré-História Recente. Este cobria um segundo depósito de matriz argilosa, arqueologicamente estéril, que assentava directamente sobre o substrato geológico. Porém, no canto oeste da sondagem, foi identificado um interface negativo, apenas parcialmente abrangida pela sondagem, que cortava o depósito argiloso de base e o substrato geológico, estando colmatada apenas por um depósito de características distintas, de matriz areno-argilosa, e sem presença de quaisquer materiais arqueológicos ou elementos pétreos. Face à identificação desta realidade, procedeu-se ao alargamento da área, já na segunda fase dos trabalhos, com o objectivo de escavar integralmente a referida estrutura negativa.

A sua escavação viria a confirmar a inexistência de materiais arqueológicos ou elementos pétreos no depósito de enchimento, permitindo, de igual forma, registar uma estrutura negativa de planta semicircular, paredes ligeiramente oblíquas e algo irregulares, fundo côncavo e irregular, com cerca de 0,30 m de profundidade e 0,65 m de diâmetro máximo.

Embora se tenha escavado na totalidade, não é clara a funcionalidade desta interface negativa. A sua proximidade com as estruturas identificadas na sondagem 1, que, aliás, se prolongam nesta direcção, parece indiciar uma articulação e associação com aquelas. A função de buraco de poste, neste caso com alguma dimensão, não encontra fundamento aparente face à ausência de elementos pétreos no seu interior, bem como a ausência de outros elementos estratigráficos, não deixando, ainda assim, de ser uma hipótese a reter.



Fig. 10 Estrutura negativa registada na sondagem 4 – fase de alargamento.

3.2.2 Sondagem 1

A sondagem 1 localiza-se no limite NE da área de afectação da obra, na zona de cota mais elevada, no limite descendente de uma pequena plataforma aplanada, local onde se verifica maior concentração de materiais arqueológicos à superfície.

No decorrer da sua escavação registou-se um primeiro depósito de superfície (profundamente remexido pelos trabalhos agrícolas), de matriz areno-argilosa, observando-se a presença de alguma pedra solta de pequena e média dimensão, tendo sido recolhidos alguns fragmentos de cerâmica comum a torno e telha (possivelmente de cronologia medieval), cerâmica manual e lascas sobre quartzo, bem como algum “barro de cabana” queimado onde se observam ainda os negativos dos materiais perecíveis.

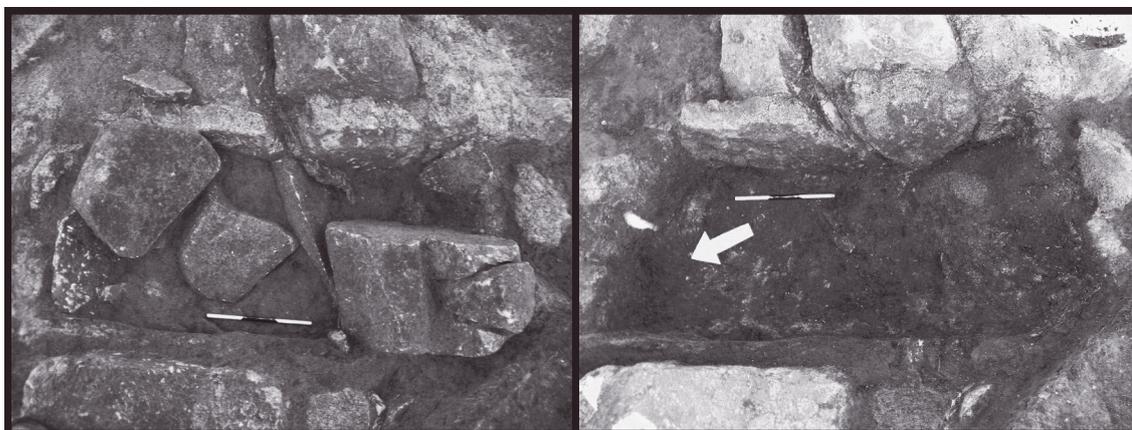


Fig. 11 Plano intermédio do preenchimento da estrutura negativa da sondagem 1, e plano da sua base.

A escavação desta unidade estratigráfica, de fraca potência, permitiu pôr a descoberto diversas realidades de que se destacam: uma estrutura negativa de planta rectangular, um nível de pavimento, uma estrutura de pedra e algumas concentrações de cerâmica manual, “barro de cabana” queimado, fauna mamalógica, e algumas lascas sobre quartzo e quartzito. Com excepção da estrutura negativa, todas estas realidades sofreram graves afectações devido aos trabalhos agrícolas, sendo visível em toda a área da sondagem, as marcas do arado no topo dos depósitos preservados.

Relativamente à estrutura negativa, encontrava-se colmatada por um depósito [107] pouco compacto, de matriz areno-argilosa, de cor castanha, homogéneo, e por bastantes pedras de pequena e média dimensão, e algumas de grande calibre, distribuídas desde o topo até à base da estrutura. O material arqueológico recolhido, muito escasso, resume-se a poucos fragmentos de bojo de cerâmica manual em mau estado de conservação, e a escassas lascas em quartzo e quartzito. A estrutura, [109], caracterizava-se por ser escavada no afloramento rochoso e por possuir planta rectangular, medindo de comprimento cerca de 1,30 m e de largura 0,50 m, com uma profundidade média de cerca de 0,40 m. Na sua base, encontrava-se revestida com argila de cor vermelha [108], que, embora igualmente estéril, se distinguia do depósito estéril registado em outras sondagens sobre o substrato rochoso, por apresentar uma cor mais avermelhada e mais viva, e por ser uma argila mais depurada.

Quanto à sua funcionalidade, os dados não são muito esclarecedores. A inexistência de quaisquer vestígios de ossadas ou carvões no seu interior, bem como a presença de blocos de pedra de grandes dimensões assentes directamente na sua base, afastam, à partida, qualquer hipótese de se

tratar de uma estrutura funerária. Poderá, mais provavelmente, tratar-se de uma estrutura destinada a receber e/ou sustentar algum tipo de poste, ou postes, de maior envergadura — e directamente associada com o muro [111], justificando-se, assim, a existência de tão grande quantidade de blocos de gabro no seu interior, alguns de grande dimensão.

Sem relação estratigráfica directa com esta estrutura negativa, mas no mesmo alinhamento e sequência, foi registada uma estrutura positiva [111], interpretado como um muro. Constitui-se como um aglomerado de pedras, com elementos de pequena, média e grande dimensão, orientado a SO-NE, estendendo-se transversalmente à sondagem, ao longo de 4 m de comprimento e variando entre 1 m e 0,5 m de largura.

Alguns dos calhaus desta estrutura assentam sobre o topo da unidade [103], que interpretamos como um nível de pavimentação, enquanto outros estão imbricados no interior da mesma. É perceptível, porém, que alguns dos calhaus foram já deslocados daquela que seria a sua posição

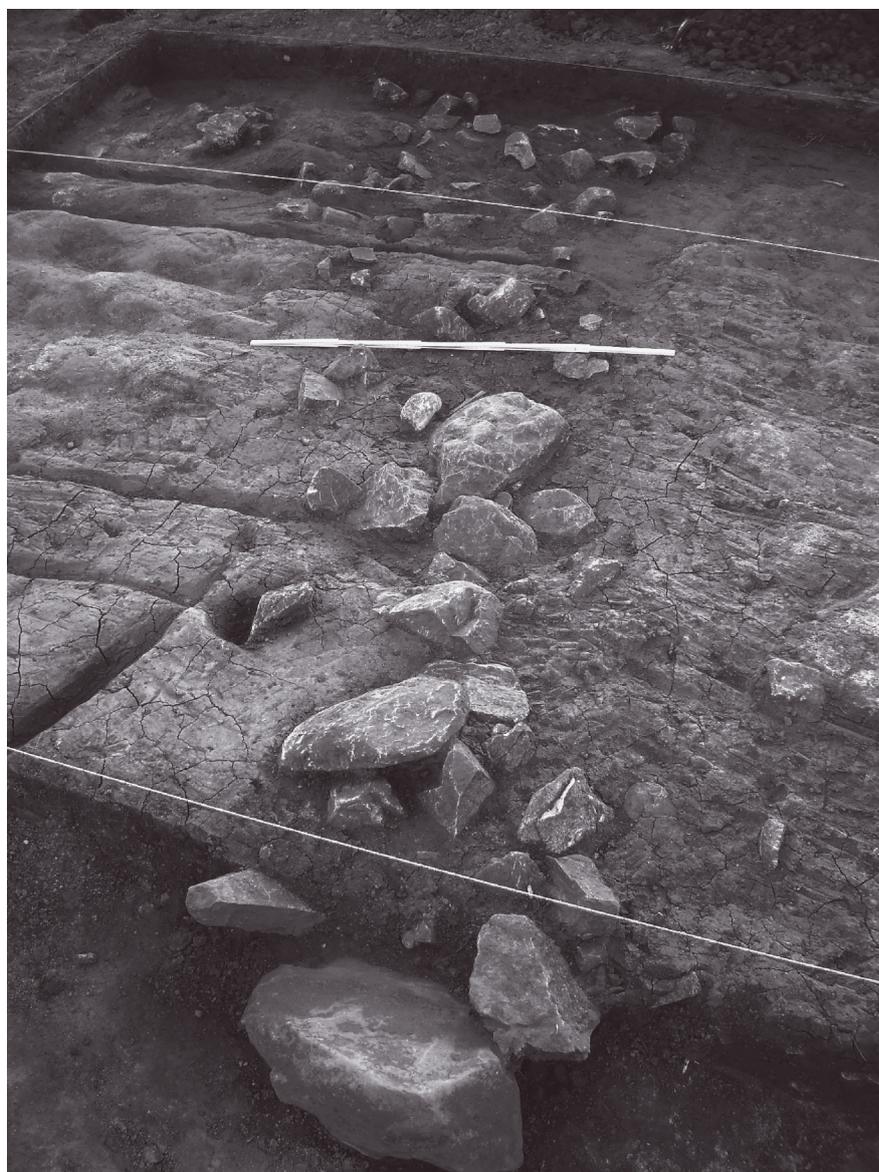


Fig. 12 Estrutura [111].

original, sendo possível observar as marcas do arado nos depósitos que ladeiam a estrutura, trabalhos que terão destruído parcialmente a mesma e provocado a dispersão de alguns dos seus elementos. Ainda assim, e tendo em conta que a referida estrutura se encontrava a uns escassos 0,20 m da superfície, não deixa de ser surpreendente que se tenha preservado até hoje — para tal terá, por certo, contribuído o facto de se situar num local onde o substrato rochoso por vezes aflora à superfície, demasiado “agressivo” para o arado e levando a que, repetidamente, se tenha procurado evitar lavar o local.

Parece ser relevante o facto de, precisamente junto a esta estrutura, se ter registado uma significativa concentração de cerâmica manual, cerâmica de revestimento queimada, líticos e fauna mamalógica, indícios que parecem apontar, de forma bastante clara, para uma funcionalidade habitacional deste espaço, pese embora a limitação dos dados.

Quanto ao depósito [103], caracteriza-se por uma certa regularidade horizontal, embora com ligeira inclinação, por possuir matriz argilosa, de cor castanho-avermelhado e por ser muito com-

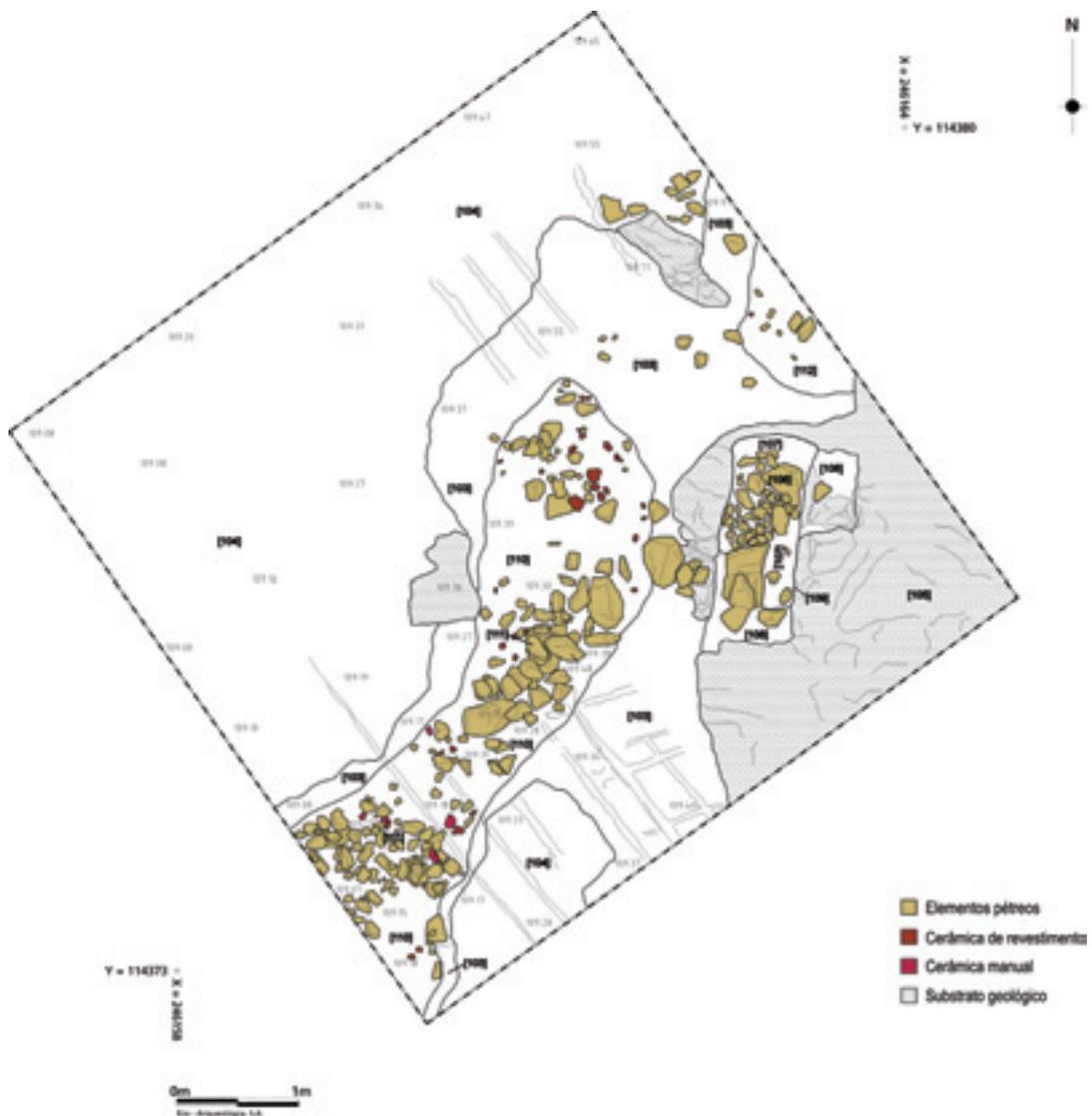


Fig. 13 Plano com os níveis de ocupação e abandono documentados na sondagem 1.

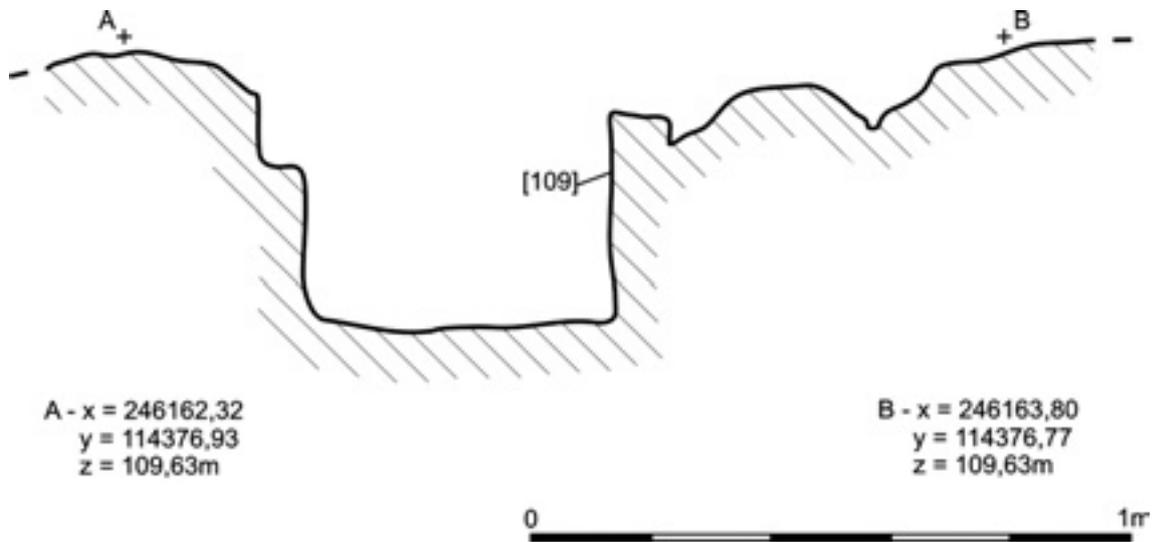


Fig. 14 Seção O-E da estrutura negativa posta a descoberto na sondagem 1.

pacto e homogéneo, correspondendo, aparentemente, a um nível de pavimentação associado ao muro já descrito — assenta directamente sobre o substrato geológico. Sobre este pavimento, e igualmente associado ao muro, registou-se uma camada pouco espessa de características diferentes, [110], interpretada como o nível de utilização/abandono do espaço onde se identificaram algumas concentrações de materiais, nomeadamente, cerâmica manual, lascas de quartzo e de quartzito, “barro de cabana” queimado, sendo ainda perceptíveis os negativos dos materiais perecíveis, e fauna mamalógica.

No mesmo alinhamento da estrutura, mas dissociado desta, e no limite NE da sondagem, foi ainda registado um outro depósito, [112], de composição, inclusões e materiais em tudo idênticos aos do depósito [110], denunciando uma continuação naquela direcção.

Os materiais arqueológicos exumados durante a escavação da sondagem 1, particularmente nos depósitos [107], [103], [110] e [112] — cerâmica manual, destacando-se os pratos de bordo espessado e não espessado, lascas sobre quartzo e quartzito, cerâmica de revestimento, fauna mamalógica —, confirmam uma ocupação humana do local atribuível ao Calcolítico. A presença abundante de “barro de cabana” queimado indicia a existência de estruturas com cobertura em materiais perecíveis forrados com argila, muito provavelmente cabanas. Estes indícios são reforçados pela presença de concentrações de pedra estruturadas, nas mesmas zonas onde se verificou a concentração dos referidos fragmentos de “barro de cabana” queimado.

No que diz respeito à indústria lítica, destacam-se mais as ausências do que as presenças, constituindo-se estas últimas apenas por algumas lascas sobre quartzo e quartzito. Nota-se sobretudo a ausência de pedra polida e de utensílios sobre sílex, como lâminas, pontas de seta ou trapézios, habitualmente presentes nos conjuntos artefactuais de outros sítios calcolíticos.

Quanto à cerâmica, de longe o elemento mais bem representado, verificou-se sobretudo a presença de formas abertas, sendo as formas fechadas quase residuais, limitando-se os exemplares decorados a um único fragmento de “cerâmica simbólica”. Os pratos constituem a forma melhor representada, estando presentes pratos de bordo não espessado e de bordo espessado internamente, segundo os critérios de Gonçalves (1989), e sem decoração, estando ausentes os típicos

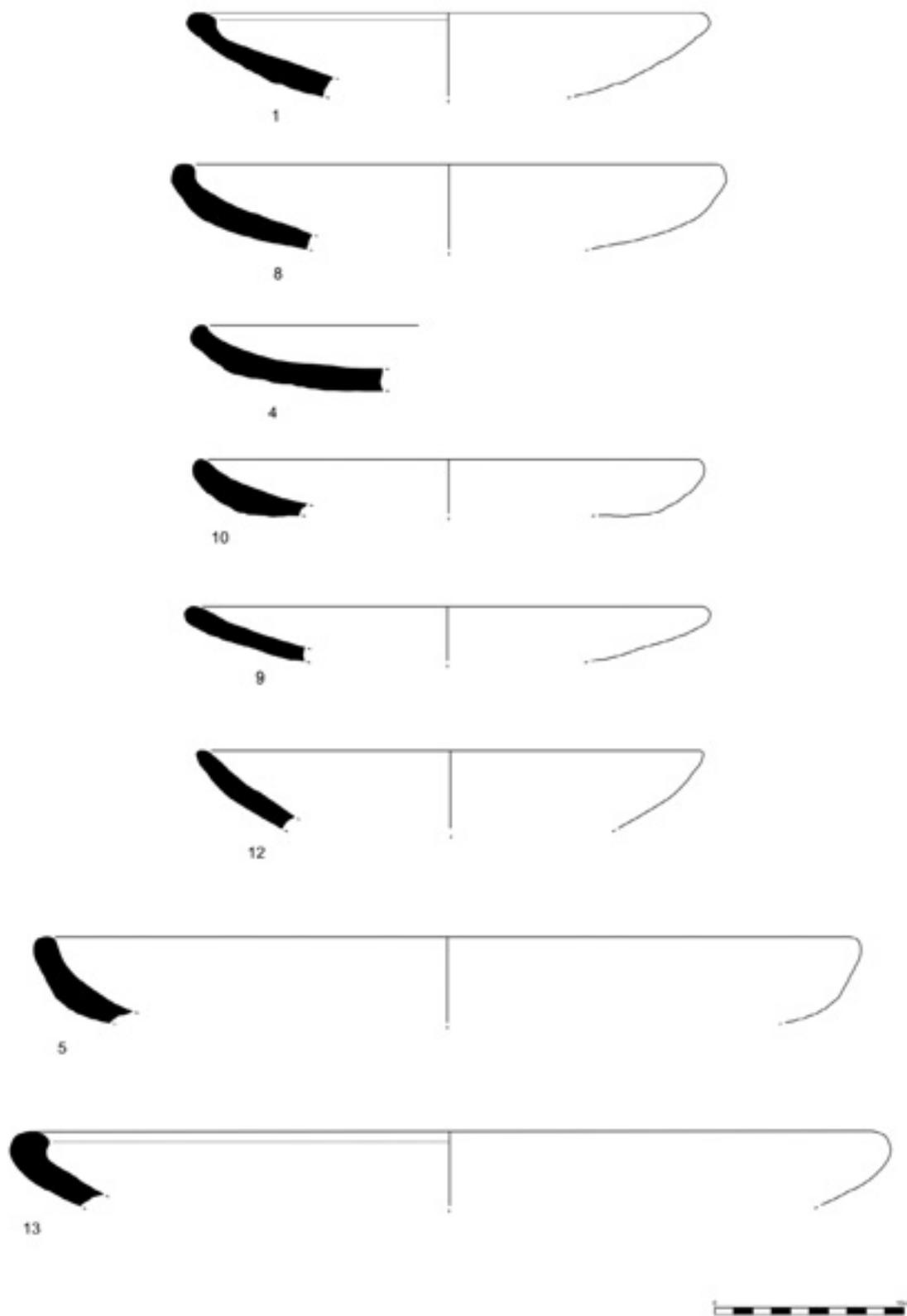


Fig. 15 Materiais da sondagem 1.

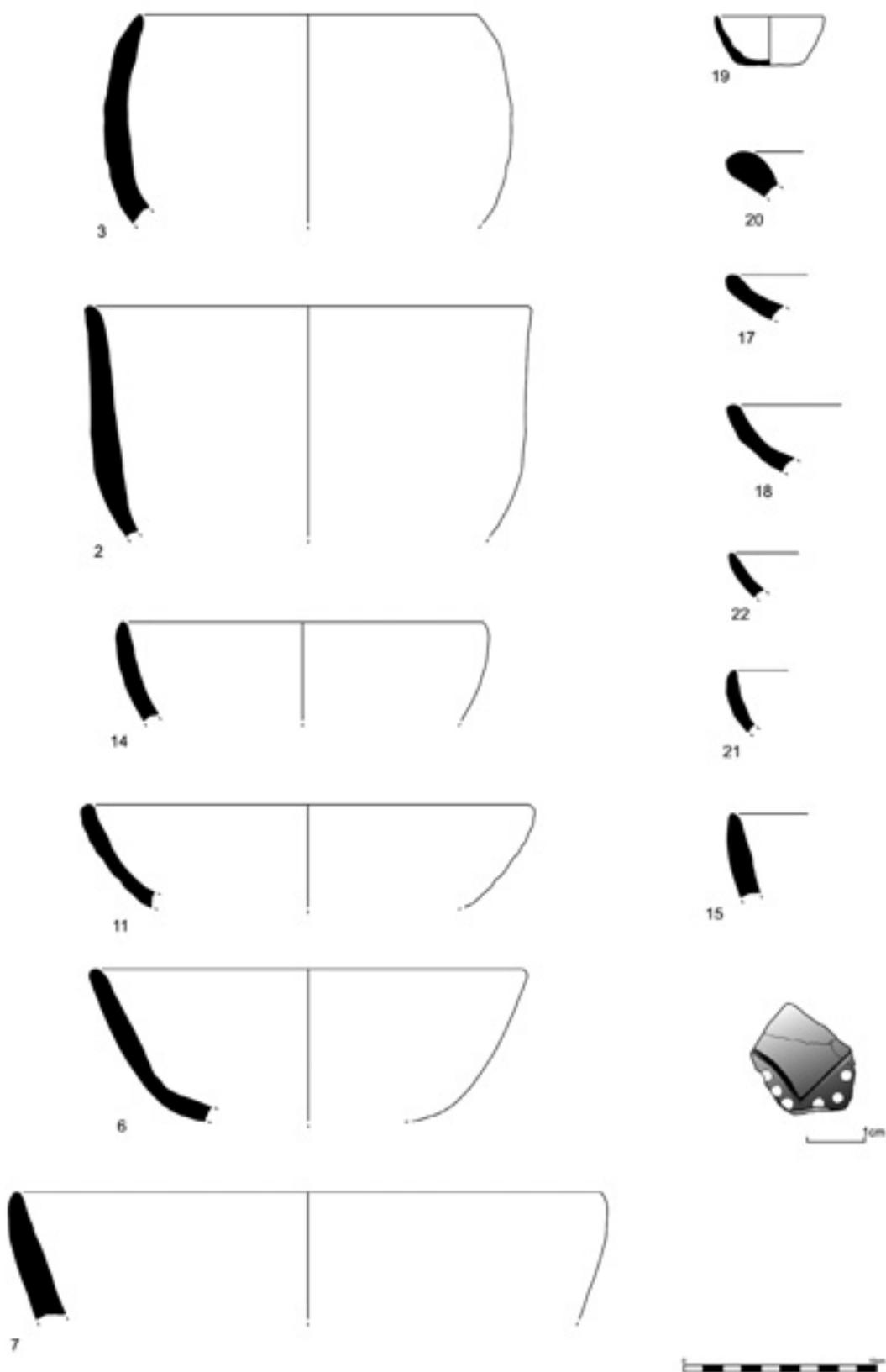


Fig. 16 Materiais da sondagem 1.

bordos almendrados, identificados, todavia, em uma das fossas do talude da via-férrea (Fig. 6). Os exemplares de Casa Branca 2 apresentam, em geral, a superfície interna alisada e a externa sem qualquer tratamento, sendo que o diâmetro externo dos bordos não ultrapassa os 0,23 m.

Estão também presentes as taças simples e hemisféricas sem decoração, sendo o segundo grupo melhor representado, com bordos sem espessamento e biselados. Escassamente representadas estão as formas fechadas, constituídas por recipientes esféricos, de bordo invertido e biselado.

Foi ainda exumado um pequeno fragmento da chamada “cerâmica simbólica”, com decoração incisa e impressa e preenchimento parcial com pasta branca, em outros locais identificada com um material feito com osso queimado, e presente, por exemplo, na bacia média do Guadiana e Tierra de Barros (Odrizola, 2008).

Adquire especial significado a ausência de taças carenadas, usualmente presentes nos contextos do Neolítico Final e Calcolítico Inicial, e da cerâmica campaniforme, mas também das queijeiras e de cerâmica decorada.

Não se pode, porém, deixar de sublinhar a escassa representatividade da amostra, e relativizar um pouco o seu significado, uma vez que a ausência de alguns dos tipos cerâmicos, acima referidos, na Casa Branca 2 não significa a sua efectiva ausência neste sítio.

4. Comentários finais

Na Casa Branca 2 foi registado um nível de ocupação humana preservado, atribuível ao Calcolítico, materializado em duas estruturas negativas, um pavimento e um muro, interpretados como pertencentes a uma estrutura de habitação, associados a concentrações de cerâmica de revestimento queimada, cerâmica manual, fauna mamalógica e lascas sobre quartzo e quartzito. Sublinhe-se que as referidas concentrações de materiais foram documentadas na área a NO do muro, presumivelmente a área interna da cabana.

Pressupõe-se que a área ocupada pelo sítio arqueológico seja relativamente ampla, ainda que apenas afectada pela obra de forma muito parcial, uma vez que se observa a dispersão de materiais de cronologia pré-histórica um pouco por todo o cabeço em cerca de 400 m², da mesma forma que são visíveis, no talude oeste da antiga linha férrea, localizada a cerca de 40 m a leste do Núcleo B, quatro fossas escavadas no afloramento geológico, onde se podem observar materiais igualmente atribuíveis ao Calcolítico.

A presença maioritária de pratos, associada à ausência de taças carenadas parece indicar uma cronologia enquadrável no Calcolítico Pleno ou em um momento avançado daquele período da Pré-História Recente, propondo-se a primeira metade/meados do III milénio a.C.

A ocupação humana durante a Pré-História Recente na bacia da ribeira do Enxoé está bem documentada, sobretudo durante o Neolítico Final e Calcolítico Inicial, particularmente na zona onde se implanta a Casa Branca 2. São conhecidos os sítios já escavados de Casa Branca 7 (Rodrigues, 2006) e Foz do Enxoé (Diniz, 1999a, 1999b), e mais recentemente, embora mais afastado mas ainda nos limites da bacia hidrográfica da ribeira do Enxoé, o sítio do Alto de Brinches 3 (Alves & alii, 2010) e o Outeiro Alto 2 (Filipe, Valera & Godinho, 2010; Valera & Filipe, 2010). A estes poderão adicionar-se os sítios Casa Branca 1, Monte Luís Mendes, Torre do Lóbio 1 e Casa Branca 6 (Lopes, Carvalho & Gomes, 1998), apenas prospectados, que apresentam o mesmo tipo de implantação observado na Casa Branca 2, com excepção do primeiro.

Particularmente interessante é o caso da Casa Branca 7, quer pela proximidade (a menos de 1 km a SO, e igualmente nas margens da ribeira do Enxoé) e tipo de implantação, quer pelo parale-

lismo que se pode atribuir ao tipo de estruturas identificadas (Rodrigues, 2006). Pese embora o facto de se tratar de um sítio cronologicamente mais antigo, que a autora mostrou ser enquadrável na transição do IV para o III milénio a.C. (Rodrigues, 2006, p. 85), a sua comparação com os dados da Casa Branca 2 permite verificar uma certa perenidade no tipo de ocupação deste território ao largo de grande parte do III milénio a.C. — no que aos povoados abertos ribeirinhos diz respeito —, evidenciando uma continuidade no esquema construtivo das estruturas habitacionais e, presumivelmente, no tipo de aproveitamento dos recursos naturais e sua exploração.

No concelho de Serpa são ainda conhecidos outros locais atribuíveis ao Calcolítico, dos quais se podem referir São Brás 1 e São Brás 3 (Parreira, 1983; Soares & *alii*, 1996), Atalaia do Peixoto (Soares & *alii*, 1996), Serpa (Soares & Braga, 1986), Alto da Forca (Lopes, Carvalho & Gomes, 1998), Portela e Serra de Ficalho (Soares, 1994), Torre Velha 3 (Alves & *alii*, 2010), Magoita (Valera & *alii*, no prelo) ou Monte de Cortes 1 e 2 (Valera & *alii*, no prelo). Ainda na margem esquerda, no concelho de Moura, podem-se referir, entre outros, Castelo Velho de Safara (Soares & *alii*, 1996; Soares, 2001; Soares, Valério & Araújo, 2005), Porto Mourão (Soares & *alii*, 1996), ou, no concelho de Mourão, os sítios do Mercador (Valera, 2001), Porto das Carretas (Silva & Soares, 2002), Monte do Tosco 1 (Valera, 2000b) e Moinho de Valadares 1 (Valera, 2000a), ou ainda San Blas (Hurtado, 2007), este último já em território espanhol. Na margem direita do Guadiana são conhecidos igualmente bastantes povoados desta fase, destacando-se aqui o pequeno povoado de Sala 1 (Gonçalves, 1989), Três Moinhos (Soares, 1992), e povoados de planície de grande dimensão como são os casos dos Perdigões (Lago & *alii*, 1998) e de Porto Torrão (Arnaud, 1993; Valera & Filipe, 2002).

Por último, o incremento das intervenções arqueológicas decorrentes dos trabalhos relacionados com a implantação dos Blocos de Rega do Alqueva virá, certamente, trazer novos e importantes dados para a compreensão da ocupação humana durante o III milénio a.C. na margem esquerda do Guadiana, completando um pouco mais o quadro actual do conhecimento sobre a Pré-História Recente desta região.

NOTAS

* Mestre em Pré-História e Arqueologia.
victor.filipe7@gmail.com

Colaborador da Era Arqueologia.

** Era Arqueologia S.A.
Calçada de Santa Catarina, 9c
1495-705 Cruz Quebrada - Dafundo
sandrabrazuna@era-arqueologia.pt

¹ Agradece-se ao Doutor Monge Soares todas as informações dispensadas e a cedência de fotografias.

² A quem agradecemos a informação.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Catarina; ESTRELA, Susana; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA Miguel (2010) - Intervenção arqueológica no sítio Alto de Brinches 3 (Reservatório Serpa Norte - Serpa). Comunicação apresentada no 4º *Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*, 24 a 26 de Fevereiro de 2010, EDIA, Beja.
- ALVES, Catarina; ESTRELA, Susana; COSTEIRA, Catarina; PORFÍRIO, Eduardo; SERRA Miguel; SOARES, António Monge; MORENO GARCÍA, Marta (2010) - Caracterização preliminar da ocupação pré-histórica da Torre Velha 3. (Barragem da Laje - Serpa). Comunicação apresentada no 4º *Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*, 24 a 26 de Fevereiro de 2010, EDIA, Beja.
- ARNAUD, José Morais (1993) - O povoado calcolítico do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, pp. 51-61.
- BRAZUNA, Sandra; FILIPE, Victor (2009) - *Relatório final da intervenção arqueológica de Casa Branca 2 (Serpa)*. Cruz Quebrada: ERA-Arqueologia.
- DINIZ, Mariana (1999a) - Povoado neolítico da Foz do Enxóe (Serpa): primeiros resultados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 95-126.

- DINIZ, Mariana (1999b) - O povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa, Portugal): enquadramento cronológico e cultural. In *II Congrès del Neolític a la Península Ibérica, 7-9 d'Abril 1999*. València: Universitat, pp. 235-243.
- FILIFE, Victor; VALERA, António Carlos; GODINHO, Ricardo (2010) - Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): resultados preliminares. Comunicação apresentada no 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. *O Plano de Rega (2002-2010)*, 24 a 26 de Fevereiro de 2010, EDIA, Beja.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve oriental: uma aproximação integrada*. Lisboa: INIC.
- HURTADO, Victor (2007) - Las técnicas de construcción en la Cuenca del Guadiana y el asentamiento de San Blas (III milenio a.n.e.). In JORGE, Susana Oliveira; BETTENCOURT, Ana Maria S.; FIGUEIRAL, Isabel, eds. - *A concepção das paisagens e dos espaços na arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004)*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 13-26.
- LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António Carlos; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António Faustino (1998) - Povoado dos Perdigoes (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 45-152.
- LOPES, Conceição; CARVALHO, Pedro; GOMES, Sofia (1998) - *Arqueologia no concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal.
- NEMUS (2008) - *Recapê das Estações Elevatórias de Pedrógão, Brinches e Torre do Lóbio, da Central Hidroeléctrica de Serpa e da Conduta Elevatória de Pedrógão*, Vol. II Relatório, Vol. III Anexos.
- ODRIOZOLA, Carlos P. (2008) - Scientific analyses of the white inlaid material of the symbolic pottery from Povoado dos Perdigoes. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 3, pp. 39-44.
- PARREIRA, Rui (1983) - O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 a 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 1, pp. 149-168.
- RODRIGUES, Ana Filipa (2006) - *Casa Branca 7: um povoado na transição do 4.º para o 3.º milénio a.C. na margem esquerda do Guadiana (Serpa)*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (2002) - Porto das Carretas: um povoado calcolítico fortificado do vale do Guadiana. *Al-madan*. Almada. Série 2. 11, pp. 176-180.
- SOARES, António Monge (1992) - O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, Beja). Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, pp. 291-314.
- SOARES, António Monge (1994) - Descoberta de um povoado do Neolítico junto à Igreja Velha de São Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). Resultados preliminares. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 41-49.
- SOARES, António Monge (2001) - O Castelo Velho de Safara. Notícia preliminar. *Vipasca*. Aljustrel. 10, pp. 57-64.
- SOARES, António Monge; BRAGA, José Rodrigues (1986) - Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa. *Arquivo de Beja*. Beja. 2.ª série. 3, pp. 167-198.
- SOARES, António Monge; ARAÚJO, Maria de Fátima; ALVES, Luís Cerqueira; FERRAZ, Maria Teresa (1996) - Vestígios metalúrgicos em contextos do Calcolítico e da Idade do Bronze no Sul de Portugal. In *Miscellanea em homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 553-579.
- SOARES, António Monge; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima (2005) - Um novo vestígio da prática da metalurgia no Castelo Velho de Safara (Moura). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 215-224.
- VALERA, António Carlos (2000a) - Moinho de Valadares e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar. *Era Arqueologia*. Lisboa. 1, pp. 21-37.
- VALERA, António Carlos (2000b) - O Monte do Tosco 1. *Era Arqueologia*. Lisboa. 2, pp. 32-51.
- VALERA, António Carlos (2001) - A ocupação pré-histórica do sítio do Mercador (Mourão). *Era Arqueologia*. Lisboa. 3, pp. 42-57.
- VALERA, António Carlos; FILIFE, Iola (2002) - O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular. *Era Arqueologia*. Lisboa. 6, pp. 29-61.
- VALERA, António Carlos; FILIFE, Victor (2010) - Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de sociabilização, do Neolítico Final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 5, pp. 49-56.
- VALERA, António Carlos; GODINHO, Ricardo; CALVO, E.; MORO BERRAQUERO, Francisco J.; FILIFE, Victor; SANTOS, Helena (no prelo) - Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa). In *Actas do 4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*, 24 a 26 de Fevereiro de 2010, EDIA, Beja.